

REPRESENTAÇÕES NO INSTAGRAM DE DUAS MULHERES INDÍGENAS BRASILEIRAS

4

INSTAGRAM REPRESENTATIONS OF TWO BRAZILIAN INDIGENOUS WOMEN

ANDRADE, ELIANE RIGHI DE

DOUTORA EM LINGUÍSTICA APLICADA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

DOCENTE DO PPG LINGUAGENS, MÍDIA E ARTE DA PUC/CAMPINAS

E-MAIL: ELIANE.RIGHI@PUC-CAMPINAS.EDU.BR

ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-4610-4262](https://orcid.org/0000-0003-4610-4262)

SILVA, LARISSA CANDIDO

GRADUANDA EM LETRAS LICENCIATURA PORTUGUÊS/INGLÊS PELA PUC/CAMPINAS

E-MAIL: CANDIDOLARISSA5@GMAIL.COM

ORCID ID: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-8153-0932](https://orcid.org/0000-0001-8153-0932)

RESUMO:

Este artigo se refere à pesquisa de Iniciação Científica “Falares e Olhares de Gênero: mulheres indígenas e brasileiras, vozes em contextos virtuais”, com bolsa cedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Possui como objetivo refletir o funcionamento dos discursos das mulheres indígenas no Brasil, na mídia online, especificamente por meio do Instagram de Ysani Kalapalo e Sônia Guajajara. Interessa-nos como se configura a busca por visibilidade e espaço de poder por essas mulheres e suas práticas identitárias. Utilizou-se como base teórico-metodológica estudos do discurso, da mídia e culturais, tais como Pêcheux, Foucault, Hall, Manovich e Coracini. A análise se deu a partir da seleção de regularidades que foram demarcadas pelos eixos temáticos Polarização política, Corpo-território e Protagonismo das mulheres, com o propósito de estudar as representações identitárias e o discurso de duas mulheres indígenas no Brasil com forte presença na rede social Instagram.

Palavras-chave: Discurso. Mulheres indígenas. Representação. Identidade.

ABSTRACT:

This article refers to the Undergraduate Research “Talking and Looking at Gender: indigenous and Brazilian women, voices in virtual

contexts”, with a scholarship from the National Council for Scientific and Technological Development - CNPq. It aims to reflect on the functioning of the speeches of indigenous women in Brazil, in the online media, specifically through the Instagram of Ysani Kalapalo and Sônia Guajajara. We are interested in how the search for visibility and spaces of power for these women and their identity practices are configured. Discourse, media and cultural studies, such as Pêcheux, Foucault, Hall, Manovich and Coracini, were used as the theoretical-methodological basis. The analysis was based on the selection of regularities that were demarcated by the thematic axes: Political polarization, Body-territory and Leadership of women, with the purpose of studying on the identity representations and the discourse of two Indigenous women in Brazil with a strong presence on the social network Instagram.

Keywords: Discourse. Indigenous women. Representation. Identity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ancorados nos estudos de Análise do Discurso de linha francesa, no que concerne às contribuições de Pêcheux (2006; 1988) mais especificamente, e de Foucault (1996; 2004; 2006), em relação aos estudos arqueológicos do discurso e do poder, nosso trabalho inicialmente se dirige a conceituar discurso, poder, acontecimento e sujeito nos entrelaces e contrapontos possíveis entre esses autores.

Ainda que o discurso, como um conjunto de enunciados, possa ser concebido na relação com a construção de sentidos possíveis, o conceito dado por Foucault é um dos mais empregados na linguagem, tanto por descrever a relação com seu externo, forças que regem os discursos, sem particularmente se deter à materialidade linguística, quanto por relacionar os poderes que os submetem. Para ele, o discurso se refere a três aspectos das relações de poder entre as instituições e o sujeito: “uma série de elementos que operam no interior do mecanismo geral do poder” (FOUCAULT, 2006, p. 254); uma série de acontecimentos que se relacionam com outros acontecimentos “que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições” (FOUCAULT, 2006, p. 256); e, como prática discursiva, um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2007, p. 133).

Já para Pêcheux (2006), ampliando o conceito de discurso de Foucault, o discurso agrega à materialidade linguística a ideologia, que se faz presente na linguagem através do discurso, e reúne as características histórico-sociais ao enunciado.

Para ambos, o sujeito discursivo ocupa o lugar na enunciação em que as ideologias se materializam como formações discursivas, estabelecendo regularidades e dispersões que regulam essas formações. Para Pêcheux (1988 [1975], p. 160), tais formações são as diversas posições que o sujeito toma de acordo com suas identificações ideológicas, pertencendo, assim, a uma determinada FD (SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2003). Desse modo, o sentido é constituído conforme as formações ideológicas dos sujeitos, pois as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam o seu sentido em referência a estas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem” (PÊCHEUX, 1975, p. 145 apud BRANDÃO, 2004, p. 77).

Parte-se dos conceitos introdutórios de formação ideológica (conjunto complexo de representações criadas através da hierarquia de classes em conflito umas com as outras) e formação discursiva (conjunto de enunciados formados por regularidades) (BRANDÃO, 2004, p. 107) como base para uma análise do discurso marcada por língua, sujeito e história, elementos intrínsecos a esse estudo.

Ao nos referirmos à história em análise do discurso, resgatamos a memória discursiva, significando os diversos discursos produzidos ao longo do tempo que são retomados na criação de novos dizeres, porém não em relação a uma ideia de origem desses, já que todos os discursos são realizados por meio de construções anteriores. Coracini define a memória como interdiscurso, que representa as inúmeras vozes, provenientes de textos, de experiências, enfim, do outro, que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se entrecem. Essa rede conforma e é conformada por valores, crenças, ideologias, culturas que permitem aos sujeitos ver o mundo de uma determinada maneira e não de outra, que lhes permitem ser, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes (CORACINI, 2007, p. 9).

O sujeito é, assim, detentor de identidades múltiplas, nunca completas ou resolvidas, constituído pela voz do outro e nunca em gênese dono de seu próprio discurso, formando uma rede de identificações

imaginárias e simbólicas em relação com os sujeitos outros (CORACINI, 2007, p. 61).

Para Hall (2006), o conceito de identidade remete aos desdobramentos culturais, já que os sujeitos pertencem a determinadas “paisagens culturais”, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, e as identidades; dessa forma, se constituem como aspectos dessas paisagens (HALL, 2006, p. 9).

Como todo sujeito discursivo, construímos nossas identidades a partir de representações de mundo, de nossas formações discursivas, sociais e ideológicas. Os grupos minoritários também constituem, portanto, suas identidades por meio dessas formações e das questões culturais específicas que tocam cada grupo social. A identidade do indígena é, assim, constituída por sua memória, pelo interdiscurso que o constrói, ou seja, todos os dizeres de si e do outro que são incorporados às suas representações identitárias.

Desde a colonização, os povos tradicionais, especificamente os indígenas em nosso estudo, são marcados por discursos de comparação e negação, assim como afirma Fiorin (2000) as semelhanças são feitas entre o novo mundo e a Europa e as negações são criadas entre características que os europeus possuem e os indígenas não (FIORIN, 2000, p. 36). Nas relações de poder, isso determina uma dominância de discursos estereotipados e de marginalização, pois qualifica as características daqueles com maior poder como melhores.

A identidade e a diferença, portanto, são campos temáticos articulados entre si. Alguém é representado como sendo algo a partir do que ele possui de diferente do outro. Paiva, ao lembrar Hall, expõe sobre a divisão de grupos, levando-nos a observar o resultado dessa relação como uma exclusão de um dos lados, o que certamente será do sujeito não possuidor de poder.

A identidade é marcada pela diferença, que sustenta a exclusão. Nas relações sociais, estabelecem-se formas de diferença (a simbólica e a social) por meio de sistemas classificatórios, que aplicam um princípio de diferença à determinada população, possibilitando uma divisão, como por exemplo: indígenas e não indígenas (PAIVA, 2019, p. 8).

Os termos raça e etnia são conceituados e amplamente discutidos por Hall ao falar sobre identidade e diferença. O primeiro termo é exposto como uma “construção social”, criada por relações socioeconômicas baseadas em exclusão e exploração, e sua prática discursiva procura

justificar as diferenças sociais através do pensamento biológico da diferença, que acaba por legitimar discursos racistas (HALL, 2003, p. 69). Já a “etnicidade” é a prática discursiva fundada por diferenças culturais e religiosas (HALL, 2003, p. 70).

Os corpos indígenas são marcados por um conjunto de imagens e associações que representam sua identidade como indígenas, tais como o cocar, o arco e a flecha, um estereótipo construído desde a colonização, que não foi algo construído por eles. Na visão de identidade ligada ao conceito de raça e etnia, de diferença excludente e exploratória que esses povos viveram e ainda vivem, os discursos discriminatórios continuam sendo reproduzidos, pois estão interligados com o sentido que foi dado ao ser indígena historicamente.

Dessa forma, segundo Paiva, existe por parte dos grupos indígenas uma tentativa de ressignificar esses discursos, pois, “através da linguagem, negociam uma identidade que difere das identidades aplicadas ou impostas pelos colonizadores” (PAIVA, 2019, p. 14).

Portela (2009), ao retomar os trabalhos de João Pacheco de Oliveira Filho (1998) sobre a história indígena na contemporaneidade, expõe outra maneira de conceber a etnogênese (processo de surgimento ou ressurgimento de identidades étnicas), a partir da “etnologia das perdas”, proposta pelo autor como uma resposta aos processos de “etnologia menor”, que muitos antropólogos tomavam como definição à urbanização dos indígenas, por exemplo, colocando-os como “remanescentes da etnia, sendo descritos apenas pelo que um dia foram, desconsiderando-se suas características culturais na atualidade” (PORTELA, 2009, p. 55).

A partir disso, a territorialização é entendida por Oliveira como “um processo de reorganização social” (PORTELA, 2009, p. 55) e está interligada com a noção de etnicidade defendida por ele, pois

[a] etnicidade supõe, necessariamente, uma trajetória (que é histórica e determinada por muitos fatores) e uma origem (que é uma experiência primária, individual, mas que também está traduzida em saberes e narrativas aos quais vem a se acoplar). O que seria próprio das identidades étnicas é que nelas a atualização histórica não anula o sentimento de referência à origem, mas até mesmo o reforça. É da resolução simbólica e coletiva dessa contradição que decorre a força política e emocional da etnicidade (OLIVEIRA FILHO, 1998, p. 64 apud PORTELA, 2009, p. 156).

Sendo assim, é possível perceber que os movimentos hoje dos povos indígenas vão em direção a uma abertura para considerar as suas

próprias transformações, sempre, evidentemente, com questionamentos sobre o quanto a dominância do discurso colonizador interfere nessas novas construções. Mas é notável que a necessidade de fazer ressoar suas vozes para criar outros sentidos vem acontecendo, como Santos (2002) destaca:

Os poderosos e envolventes processos de difusão e imposição de culturas, imperialisticamente definidas como universais, têm sido confrontados, em todo o sistema mundial, por múltiplos e engenhosos processos de resistência, identificação e indigenização culturais (SANTOS, 2002, p. 47 apud PORTELA, 2009, p. 157).

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E EIXOS TEMÁTICOS

O Instagram é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários que foi disponibilizada em 2010, com mais de 1 bilhão de visitas de usuários por mês e mais de 500 milhões por dia. É considerada a rede social com maior crescimento em número de usuários, principalmente pelo atrativo de visualizar e compartilhar fotos exuberantes tanto de pessoas como de lugares, estilos de vida entre outras temáticas.

As duas indígenas acompanhadas nessa rede social e que são o foco de nosso estudo possuem grande movimentação em seus perfis. Sônia possui 3.284 publicações e 233 mil seguidores. Ela pertence ao povo Guajajara, localizada no Maranhão, parte oriental da Amazônia¹. Já Ysani, a outra indígena pesquisada, possui 627 publicações e 54 mil seguidores e pertence ao povo Kalapalo, situado na região do Alto Xingu, no Mato Grosso².

Sônia Guajajara é uma liderança indígena nacional, formada em Letras e Enfermagem, com especialização em Educação Especial, atualmente coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas no Brasil (APIB) e foi pré-candidata à vice-presidência da República ao lado de Guilherme Boulos, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), em 2018.

Ysani Kalapalo é “a indígena do século 21”, como ela se autodenomina, e possui um canal no Youtube. No ano de 2019 foi convidada pelo presidente Bolsonaro a participar da Assembleia Geral da ONU. Depois disso, vem ganhando mais espaço e seguidores.

1 GUAJAJARA. In: SCHRÖDER, Peter. **Povos indígenas no Brasil**. [S. l.], jan. 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>. Acesso em: 8 abr. 2020.

2 KALAPALO. In: BASSO, Elen. **Povos indígenas no Brasil**. [S. l.], jun. 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kalapalo>. Acesso em: 8 abr. 2020.

Ao coletar as publicações de Ysani e Sônia, foi possível chegar a três eixos temáticos a serem tratados nesse estudo, que representam regularidades discursivas encontradas: a polarização política, a relação corpo-território e o protagonismo da mulher.

Traremos inicialmente a análise de um dos recortes pertencentes ao eixo 1, que trata sobre a questão da polarização política nessa rede social e que é trabalhada via os perfis das duas indígenas no Instagram.

A ANÁLISE DE RECORTES DISCURSIVOS: EIXO TEMÁTICO: A POLARIZAÇÃO POLÍTICA

O eixo temático referente à polarização política é uma regularidade encontrada na seleção de recortes feitos no Instagram de Sônia e Ysani. Entende-se como polarização política o movimento de defesa de um ponto de vista político em oposição a outro, muitas vezes de forma implícita no discurso, mas com a intenção de questionar e criticar as formações discursivas que constituem seu oposto. No caso estudado, a chamada “esquerda” é trazida pela voz de Sônia e a “direita” pela voz de Ysani.

A polarização política no Brasil começou a ser mais marcada nas manifestações de junho de 2013, pelo Movimento Passe Livre³, que se estenderam e se transformaram em manifestações, em prol de mudanças imediatas em vários setores da sociedade até as eleições de 2014, que tiveram Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, e Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira, como candidatos à presidência, indicando já uma primeira polarização, considerando as formações sociais e ideológicas dos dois partidos em disputa.

Nesse movimento de uma suposta união de uma parcela da população que reivindicava mudanças sociais e econômicas, surgiu uma divisão de militantes de esquerdas, já acostumados a lutar desde a ditadura através de protestos, e militantes de direita, que começaram um novo momento de manifestações que antes não se via no Brasil, em relação à pauta conservadora (CHAIA; BRUGNAGO, 2015).

Entretanto, essa tomada da rua pelos sujeitos da direita mostrou uma radicalização, pois esses não aceitavam o viés econômico das reivindicações da esquerda pautadas na redução das desigualdades, por meio de políticas públicas em prol de grupos minoritarizados, como os mais pobres, mulheres e negros, dificultando o encontro de pautas comuns, o que levou a esquerda a se retirar do cenário após ataques de

³ Movimento de esquerda pelo transporte público gratuito se posicionava contra o aumento das passagens de ônibus e metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20, na cidade de São Paulo.

intolerância democrática, em que suas bandeiras⁴ foram impedidas de estar no movimento lado a lado, levando, até mesmo, a agressões físicas. A esquerda, portanto, viu a necessidade de se distanciar do discurso conciliador centrista e se colocar realmente como esquerda para se diferenciar da nova direita até então não reconhecida, o que causou uma grande polarização no país (CHAIA; BRUGNAGO, 2015).

Assim, o primeiro recorte analisado se constitui de duas imagens apresentadas a seguir. A primeira, uma foto tirada no dia do Oscar 2020 e que foi reproduzida pelo portal de notícias Brasil 247⁵ e a segunda, um remix daquela, em que ocorreu a manipulação da imagem e principalmente dos textos da foto, sendo a primeira retirada do site de notícias citado, e a segunda, remixada, trazida do feed do perfil de Ysani Kalapalo, no Instagram. É importante destacar que o primeiro contato foi com a foto remixada no dia 10 de fevereiro de 2020 e posteriormente foi necessário procurar a foto original, que foi encontrada no site de notícias no dia 25 de fevereiro desse ano. Dessa forma, procuraremos estudar as relações e dispersões de sentido entre os discursos disseminados a partir da foto original e da imagem modificada.

RECORTE 1

Figura.1: Disponível em: <https://www.brasil247.com/cultura/equipe-de-democracia-em-vertigem-faz-protestos-no-oscar>. Acesso em: 25 fev. 2020.



Fonte: Instagram.

4 Partidos que não foram permitidos de estar no movimento: PSOL – Partido Socialismo e Liberdade; PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado; PCO – Partido da Causa Operária; PT – Partido dos Trabalhadores, PCdoB - Partido Comunista do Brasil e movimentos sociais como o MST. Fonte: NOTÍCIAS UOL. Militantes da CUT são agredidos e expulsos de protesto no Rio de Janeiro. 20 jun. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/militantes-da-cut-sao-agredidos-e-expulsos-de-protesto-no-rio-de-janeiro.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

5 BRASIL 247. Equipe de Democracia em Vertigem faz protestos no Oscar. 23 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/cultura/equipe-de-democracia-em-vertigem-faz-protestos-no-oscar>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

Fig. 2: Disponível em: https://www.instagram.com/p/B8XvqIDH_3G/ . Acesso em: 16 fev. 2020⁶.



Fonte: Instagram

Os dizeres que aparecem nas imagens em forma de cartazes são segurados por diferentes indivíduos: Petra, diretora de *Democracia em Vertigem*, de 2019, documentário que conta a história do governo Dilma até seu impedimento, que teve grande repercussão na imprensa brasileira pelo fato de demonstrar a polarização política no país, sendo aclamado ainda por sujeitos de esquerda e criticado por sujeitos de direita, que o acusaram de parcialidade. Ainda na imagem, aparece um dos integrantes da equipe de Petra que usa um boné do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), movimento de ativismo político e social de esquerda no Brasil; e Sônia Guajajara, coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, candidata a vice-presidente pelo PSOL, partido também de esquerda na eleição presidencial de 2014.

Foi a partir da postagem de Ysani Kalapalo (Figura 2), indígena Kalapalo, no Instagram, no dia 10 de fevereiro 2020, que tivemos contato com as imagens remixadas da foto que fora tirada no evento do Oscar, quando da indicação do filme *Democracia em Vertigem* como melhor documentário no Oscar de 2020. A foto não foi tirada por Ysani, mas por uma mídia de cobertura da festa e por pessoas que estavam ali presentes. Dessa forma, é possível reconhecer uma outra autoria criada a partir da primeira (Figura 1), com a qual ela entra em conflito e diálogo ao mesmo tempo, através da manipulação do texto na foto. Assim, não é possível, para aquele que produziu a imagem da foto inicial (Figura

⁶ Ao conferir o feed de Ysani no dia 04 de julho de 2020 foi possível verificar que ela apagou o post que utilizamos nesse recorte, além de todos os outros que se referiam às questões político-partidária de direita, especificamente sobre Bolsonaro, revelando um funcionamento da polarização política.

1) ter controle, nas redes sociais, sobre as repercussões da foto tirada e dos efeitos de sentido que o recorte em sua materialidade verbal e não-verbal provocam, pois, como descreve Manovich (2004),

[a] noção de colaboração pressupõe um entendimento mútuo e metas comuns aos colaboradores, mas, no caso das mídias interativas, isso raramente ocorre. Depois que um autor cria o trabalho, não faz ideia das pressuposições e intenções de um usuário em particular (p. 250).

Ao ler os cartazes da Figura 2, é possível perceber que não são os escritos originais apresentados no espaço-tempo do Oscar e, sim, textos retrabalhados por softwares de edição de imagem. Mesmo se não é claramente possível perceber essa manipulação – o que aqui pode-se notar, no entanto, pelas distorções nas perspectivas das imagens dos cartazes –, pela formatação e disposição das frases nos cartazes, saberemos que não são os dizeres “originais” em razão das formações discursivas dos sujeitos que ali aparecem: Petra fala de uma perspectiva da esquerda brasileira e Sônia fala como ativista não somente da causa indígena e da defesa de seus direitos, mas também de uma formação ideológica e social da vertente de esquerda, já que está filiada a um partido de esquerda.

Na perspectiva de Pêcheux, uma formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, (...) determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p.160); dessa forma, os efeitos de sentido criados se constituem a partir das formações ideológicas presentes no intradiscurso e da relação com o contexto histórico-social que emerge.

Na postagem de Ysani, o dizer de Petra “Quero meu dinheiro da Rouanet de volta”⁷ pode ser interpretado como uma apropriação do sujeito de um dizer a partir de sua formação ideológica (que se opõe a lei Rouanet), para criar uma sátira. Da mesma forma, observamos esse efeito de sentido a partir do que está escrito no cartaz sobre o MST, “Vou ocupar uma casa nos Estados Unidos”, e, no cartaz de Sônia, “Min quer Mc Donalds na aldeia”. Assim, para sujeitos com formações ideológicas diferentes, esses dizeres terão diferentes efeitos de sentido, de sátira ou de uma não verdade, entre outros, determinados por suas formações. O

⁷ Referência à lei Rouanet (Lei Federal de Incentivo à Cultura é a denominação dada a Lei nº 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991).

funcionamento discursivo da sátira expõe uma forma de antecipação de algo já instituído no interdiscurso; o autor da remixagem da imagem-texto tem em mente que o leitor possui um pensamento já determinado sobre o assunto em questão e faz uma inversão ou rompimento no encadeamento racional dos dizeres, criando assim tal efeito de sátira.

O primeiro cartaz “Quero meu dinheiro da Rouanet de volta” nos remete à memória discursiva dada pelo dizer “de volta”, informando que em um passado esse dinheiro da Rouanet foi distribuído para fomentar um evento cultural (no caso, o filme), mas não se concorda com esse investimento (provavelmente pela visão que é ali assumida não agrada a um determinado grupo social). Questionou-se, assim, o auxílio prestado à produção cultural, o que levou, em 2019, a uma mudança na Lei Rouanet, com a redução do valor de 60 milhões destinados à cultura para 1 milhão. Aqui se critica a verba oferecida, pois refere-se a uma ajuda financeira a um filme produzido por uma formação discursiva de esquerda, não levando-se em consideração o valor artístico cultural do produto.

Já na segunda sentença, “Vou ocupar uma casa nos EUA”, as palavras que ganham destaque são o verbo “ocupar” e os substantivos “casa e EUA”. O verbo transitivo “ocupar” é referente a tomar posse de algum lugar, preencher um espaço, e está relacionado discursivamente às ocupações do MST, cuja ação é aqui criticada. Entretanto, o movimento não ocupa casas e sim terras que não possuem uso algum para a população e apenas se refere ao contexto social do Brasil. Dessa forma, os substantivos “casa” e “EUA” nessa sentença são usados para criar o efeito de sátira, por meio do desvio do sentido que o verbo ocupar possui para o contexto do MST.

No terceiro enunciado, “Min quer McDonald’s na aldeia”, é possível perceber uma forte estereotipação de indígenas através da simulação de sua fala. O uso do pronome oblíquo “mim”, que no cartaz é escrito como “min”, como sujeito da sentença, faz referência ao modo como o senso comum estigmatizante acredita que indígenas falem português, um pensamento que é cristalizado há muito tempo e carrega a ideia de indígenas como primitivos e atrasados, já que nem falar a “língua portuguesa” – a língua da colonizador – eles conseguem fazer corretamente. Em seguida, o objeto direto do verbo “quer”, expresso na sentença pelo sintagma nominal “McDonald’s”, faz referência ao pensamento simulado do desejo indígena daquilo que pertence ao mundo globalizado – um dos sanduíches mais populares de uma rede

americana. Entretanto, essa não é uma ideia que surge da formação discursiva de Sônia, refere-se, na realidade, a formações discursivas não indígenas nesse contexto, pois não é Sônia quem pensa e diz isso, mas sim, quem está ideologicamente por trás da manipulação do discurso dela.

Isso demonstra a função vazia que o sujeito possui, explicada por Brandão (2004), ao estudar as concepções de Pêcheux e Foucault sobre o sujeito discursivo. Segundo ela, é necessário abandonar a ideia unificante de sujeito, pois o discurso é atravessado pela dispersão e não pela unidade, “dispersão que reflete a descontinuidade dos planos de onde fala o sujeito que pode, no interior do discurso, assumir diferentes estatutos” (BRANDÃO, 2004, p. 35).

Assim, o poder se torna mais fluido na voz do sujeito enunciador online, já que esse assume o lugar de fala do outro, fato muito recorrente nas redes sociais. Tomando como exemplo o contexto da polarização política, nas redes amplifica-se ainda mais a possibilidade de criação de sentidos diversos devido aos recursos que não são possíveis fora dela, como o uso do texto e da imagem remixados em forma de meme, gênero definido por Knobel e Lankshear (2007, p. 202 apud KOMESU et al, 2018, p.1) como uma “rápida aceitação e disseminação de uma ideia específica apresentada como texto escrito, imagem, movimento da linguagem ou alguma outra unidade de material cultural”.⁸ Esse processo gera um anonimato, ao assumir determinado viés político, pois não se sabe quem remixou a foto, embora tenhamos conhecimento do grupo ideológico político que o fez (no caso, aqui, de direita). Esse grupo assume, assim, o papel de preservador e disseminador das formações discursivas que defende, além de legitimá-las nesse espaço.

No entanto, para aqueles que se identificam com a valorização da cultura, com o movimento sem terra e com os desejos indígenas de liberdade e direitos sociais garantidos, os dizeres “originais” da foto (Figura 1) ressoam reivindicações necessárias. Ambas as ideologias possuem essa vontade de verdade, que antes de tudo precisa de um lugar de legitimação do verdadeiro:

Em resumo, uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina; antes de poder ser declarada verdadeira ou

8 Tradução nossa de “rapid uptake and spread of a particular idea presented as a written text, image, language ‘move’, or some other unit of cultural ‘stuff’ “.

falsa, deve encontrar-se, como diria M. Canguilhem, “no verdadeiro” (FOUCAULT, 1996, p. 34).

Sendo assim, os discursos políticos aqui representados buscam nesses dizeres, através de estratégias de satirização da formação ideológico-discursiva do outro, construir uma verdade que se sobreponha à verdade desse outro.

Na foto original que sofreu o processo de remixagem, Petra segura um cartaz questionando quem mandou matar Marielle, uma das frases mais populares no Brasil atualmente, dita por sujeitos ideologicamente atuantes de esquerda, em razão de ela ser militante no Partido Socialismo e Liberdade, em defesa dos grupos mais vulneráveis no Rio de Janeiro, tais como a população de comunidades e mulheres, lembrando que esse discurso advém da campanha “Onde está Amarildo?”, criada nas redes sociais, em 2013, após o desaparecimento do pedreiro Amarildo, morador da Rocinha, no Rio de Janeiro, depois de seu depoimento numa delegacia. Esse acontecimento, então, se ressignifica se reatualiza com a morte de Marielle.

Ao lado de Petra, encontra-se um integrante de sua equipe utilizando um boné do MST, movimento reconhecido como social camponês, surgido em meados de 1970, em luta contra a grilagem de terras e de medidas excludentes e concentradoras de terras da ditadura militar (MST, 2020). Isso informa ao leitor, portanto, mais uma vez, de qual formação discursiva e ideológica o sujeito que ali enuncia pertence: a ideologia de esquerda novamente. No cartaz segurado por ele, o escrito “stop invading indigenous lands!”, assim como o cartaz de Sônia Guajajara, “Our fight is your fight” está em língua inglesa, possivelmente indicando um maior alcance e repercussão à causa indígena, considerando o poder (econômico, cultural) dos países falantes dessa língua. Além disso, o prêmio Oscar é produzido pelos americanos, mas é um produto cultural consumido mundialmente, e, por isso, torna-se, por vezes, um espaço em que algumas vozes de resistência conseguem se “infiltrar” e onde outras vozes podem ser representadas por aqueles que ali têm o poder da palavra.

Ao compararmos as duas fotos, a que foi disponibilizada pelo jornal digital Brasil 247, caracterizado por um jornal progressista e democrático, em sua página online, e a foto remixada no feed de Ysani, percebemos que o foco de modificação da primeira é o texto verbal, entretanto, o texto imagético da primeira contém elementos importantes

que nos fazem entender a ideologia que cerca o texto como um todo. De um lado, Petra está de vestido vermelho, o que compõe, em conjunto com o texto “Quem mandou matar Marielle?”, o pertencimento identitário e discursivo dela, remetendo a um sujeito cuja ideologia é da esquerda brasileira, representada pela cor vermelha, reconhecida pela memória discursiva que a atravessa: o comunismo, bem como partidos de esquerda a ele associados historicamente, são representados por essa cor. Assim também ocorre com o rapaz ao centro da foto, que veste um boné do MST, produzindo uma interdiscursividade com o escrito no cartaz “stop invading indigenous lands!”, pois se reconhece no movimento sem terra uma intrínseca relação com a luta de retomada e demarcação do território indígena brasileiro. Dessa forma, a interpretação do texto verbal é integrada pelo imagético.

Nessa postagem, ao pensarmos no tempo de disseminação das postagens pelas redes online, em que não há uma linearidade e, sim, uma reação rizomática de interações, é possível observar uma divulgação rápida e massiva da foto através das redes sociais, quando verifica-se onde primeiramente ela foi difundida. O Twitter foi, possivelmente, o primeiro lugar a disponibilizar a foto, pois no noticiário online Brasil 247 ela é mostrada através do perfil da Mídia Ninja⁹, em forma de hipertexto, ou seja, por meio de uma ligação referencial de um texto dentro de outro, fazendo com que a forma como a foto foi transmitida também seja reconfigurada. O fato é que o Oscar ocorreu no dia 9 de fevereiro de 2020 e Ysani postou essa foto remixada em 10 de fevereiro, ou seja, o tempo que se levou para que essa imagem fosse manipulada e disseminada foi muito breve.

Já em relação aos elementos que compõem os dizeres de Sônia no que concerne à sua identidade étnica, tais como o cocar, as pinturas e o grafismo na roupa em associação ao escrito de seu cartaz, eles podem produzir diversas leituras, pois “Our fight is your fight” nos remete à ideia de que a luta indígena é também a luta de outras pessoas não indígenas (mas que também são minorias), se partirmos da perspectiva de associação entre uma representação de quem é Sônia e de uma de suas formações ideológicas: a indígena. Se considerarmos essa materialidade linguística em relação aos outros cartazes que aparecem na reprodução da foto, é possível interpretarmos que não é apenas sobre a luta indígena que o escrito nos remete, mas também à luta da esquerda, com o dizer

⁹ Rede descentralizada de mídia de esquerda, possuindo caráter sociopolítico e uma alternativa à imprensa tradicional.

“Quem mandou matar Marielle?”, pois as questões fundamentais que estão em torno de “Nossa luta é sua luta” podem ser exemplificadas como: quais lutas? Quais lutas são possíveis nesses contextos históricos que se delineiam pelo discurso? É a luta dos povos indígenas, a luta por conquistas sociais da esquerda ou ambas as lutas?

Sendo assim, o enunciado permite que sentidos possam ser construídos de acordo com as delimitações e construções possíveis das formações ideológicas e discursivas, pois, para Foucault, as formações discursivas não se referem somente às cadeias de regularidades, mas aos sistemas de dispersão, que são constituídos de “jogos de diferença, de desvios, de substituição, de transformação” (FOUCAULT, 2004, p. 42). Portanto, todos os elementos imagéticos descritos – a cor do vestido, o boné, o cocar e as pinturas étnicas – são indícios dessa materialidade linguística, configurando-se como linguagem não-verbal, mas que compõe com a língua-acontecimento, aquela que se constitui na história, em um tempo e espaço determinado, os efeitos de sentido. Por isso, juntamente com o conhecimento extratextual e suas identificações ideológicas, políticas, sociais e culturais que representam cada um dos sujeitos que as ocupam, o efeito de surpresa é produzido ao lermos a foto remixada (Figura 2).

Esse efeito de surpresa é construído a partir de pontos de representações já existentes, como as formações ideológicas dos sujeitos, que, com a modificação do texto verbal, se desestabilizam ao não encontrar uma correlação com elementos identitários ali apresentados. Dessa desestabilização de sentidos, cujos elementos materiais remixados se combinam, produz-se o efeito de sátira, por meio do gênero meme. É, portanto, com a utilização da remixagem como ferramenta de criação na postagem que recombina-se “enunciados e elementos estéticos originais e novos” (CIRILLO et al, 2013, p. 200), reconfigurando e atribuindo sentidos outros à associação da imagem e do texto verbal.

EIXO TEMÁTICO: CORPO-TERRITÓRIO

O eixo temático corpo-território é mais uma das regularidades encontradas nos recortes do Instagram de Ysani e Sônia. O corpo-território é observado e analisado a partir dos elementos das postagens retiradas da rede social das duas indígenas, revelando um pouco da relação sujeito-lugar em que essas mulheres se encontram, bem como a relação de seu corpo com esse “território”. Entende-se corpo-território, nesse contexto, como uma unidade marcada por práticas culturais, sociais e religiosas do lugar onde se vive, ou de onde se é, e o corpo.

O segundo recorte analisado foi retirado de uma sequência de quatro fotos e posts publicados, que aparece no feed de Sônia Guajajara no Instagram, postado por ela no dia 7 de outubro de 2019. Para contextualizar um pouco a sequência de fotos de onde trazemos o recorte (Figura 3), no Instagram desse dia aparece um conjunto de fotos em que a indígena está perto de uma “cabana” coberta de folhas secas (duas primeiras fotos); nas duas restantes ela se encontra sozinha, em forma de selfie, sendo que, na última foto, a indígena está acompanhada por uma mulher que não foi marcada por ela, então o seguidor não possui informações de quem seja. Entretanto, apenas uma foi selecionada para essa discussão: a primeira foto da sequência em diálogo com a legenda, referente à Sônia em frente a uma “cabana” de folhas de palmeira seca.

RECORTE 2

Figura 3: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3UiiYAylc31/>. Acesso em: 7 out. 2019.



Fonte: Instagram

Como dissemos, o eixo temático ao qual esse recorte pertence é “corpo-território”, isso em função de expor e resgatar pela memória discursiva os dizeres que se relacionam a uma identidade de grupo, articulando corpo e território, por meio do uso do recurso de marcar uma localização no Instagram. Esse recurso direciona a ideia de lugar à foto, que apresenta não somente o espaço, mas também o indivíduo que lá habita.

Propomos que a noção de corpo-território nesse contexto indígena não esteja apenas ligada ao discurso de homem indígena e natureza como iguais ou semelhantes, ou do primeiro elemento (indígena) como

defensor do segundo (natureza), criando muitas vezes uma unicidade no estereótipo de indígena como defensor da floresta. É necessário uma reflexão mais aprofundada da questão, pois o território para esses povos possui uma carga identitária bastante relevante de quem eles são e das relações de poder que constituem esses espaços, pois suas práticas sociais só existem em relação intrínseca com o espaço físico, espaços naturais, com menor intervenção humana possível no meio, ainda que esse espaço esteja cada vez mais sendo urbanizado. Assim,

[o] território para os povos indígenas é a base material de uma luta secular pelo direito à diferença, e, mais recentemente, para a retomada identitária. Identidade e território estão intrinsecamente relacionados, pois através da reafirmação identitária, diversos povos indígenas vêm pleiteando a posse definitiva a antigos ou novos territórios, com base na Constituição que preconiza a reprodução de suas práticas socioespaciais '[...] necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições' (COSTA; SOUZA, 2015, p. 380).

Retomando o recorte, na legenda da postagem, Sônia inicia informando o lugar onde ela tirou as fotos “Aldeia Lagoa Quieta/Território Indígena Araribóia”, no Maranhão, onde ela vive; em seguida, traz os dizeres “Território, nosso corpo, nosso espírito”, frase da Primeira Marcha das Mulheres Indígenas. Essa marcha aconteceu entre os dias 9 a 13 de agosto de 2019 em Brasília/DF, com o objetivo de visibilizar as ações das mulheres indígenas no Brasil, em parceria com a Marcha das Margaridas, manifestação que reúne mulheres trabalhadoras rurais, desde 2000, no Brasil.

Em relação aos elementos da foto, Sônia aparece em meio a uma cabana de folhas secas e está vestida com um cocar, elementos que demonstram, de certa forma, um pertencimento indígena. Em composição com a legenda, essa imagem expõe a relação do território com o corpo como forma de existência/presença inerente nas práticas sociais indígenas.

Detendo-nos à legenda, o substantivo “território” remete a uma porção de terra que geralmente pertence a alguém, ou seja, que marca relações de poder e organização sobre um espaço; na memória discursiva, o “território” no contexto indígena expõe uma luta secular

para a retomada e demarcação de terras que desde o início da reforma agrária¹⁰ passa por muitas dificuldades. Dessa forma, as terras indígenas trazem à memória o sentido de perda muito forte desde o período colonial, que hoje se ressignifica com a luta para a demarcação. Na foto e na legenda, esse sentido se apresenta como uma afirmação dos elementos que se relacionam e representam esse espaço físico do qual os povos indígenas fazem parte culturalmente e materialmente.

O pronome possessivo “nosso” demonstra uma relação muito específica com a noção de posse, pois muitos povos indígenas não possuem uma relação sócio-econômica com a terra de produção-venda-lucro; essa relação é, em sua maioria, de subsistência da comunidade. Com a junção de “corpo”, “nosso corpo” mostra que a terra é importante da mesma forma que o corpo o é, ou até mais importante, pois é mantenedora desse. A terra nesse sentido ganha a ideia de meio pelo qual ações práticas são realizadas, assim como o corpo funciona como um meio para se viver e transformar o lugar/espaço onde se está. Em seguida, expressa-se a relação com “nosso espírito”, espírito como um substantivo que indica uma parte que compõe o ser humano, mas que transcende o corpo. Colocando o território como espírito, nota-se, como efeito de sentido, que o território, embora esteja materialmente além do corpo, compõe com esse um todo que o ultrapassa, também remetendo às práticas religiosas/crenças ligadas ao espaço ocupado por povos indígenas.

Sendo assim, corpo e espírito são substantivos que acrescentam efeitos de sentido à noção de território como lugar de poder e identidade, e a perda e retomada dessa terra pelos indígenas também significam perda e retomada das identidades que os constituem.

O terceiro recorte é um *post* de Ysani Kalapalo, retirado de seu *feed*, do Instagram, no dia 23 de maio de 2020. Nesse *post*, Ysani expõe os grafismos indígenas no seu corpo através da foto, e na legenda conta como sofreu intolerância e preconceito ao ir para a cidade; relato esse que ela faz no dia do “índio”, ao se observar a data do *post*, dia 19 de abril de 2020.

10 “A reforma agrária é o conjunto de medidas para promover a melhor distribuição da terra mediante modificações no regime de posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social, desenvolvimento rural sustentável e aumento de produção (ESTATUTO DA TERRA, 1964)”. INCRA. Reforma agrária. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/pt/reforma-agraria.html> >. Acesso em 24 mai. 2020.

RECORTE 3

Figura 4: Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_KbwypnOEz/. Acesso em: 23 maio 2020.

Fonte: Instagram

Traçando um paralelo desse eixo temático com o perfil de Ysani Kalapalo, é possível verificar uma forma de demonstrar o corpo-território especificamente através do imagético (foto), já que, nesse caso, as fotos parecem trabalhar com certo valor estético, com o uso da luz, dos contrastes e das cores, de modo a fazer emergir no leitor/espectador um efeito mais artístico à foto, para além do texto escrito. Esse imagético que se faz mais relevante por meio de fotos mais elaboradas artisticamente sugere uma prioridade dada aos elementos visuais associados à identidade indígena, tais como os grafismos no corpo, colares de miçangas e o não uso de roupas, numa “paisagem” envolta em elementos da natureza. No entanto, isso acontece quando Ysani se encontra em território indígena, pois se ela está no espaço urbano não indígena não se verificam os usos desses elementos com tanta frequência, como foi constatado em outras publicações analisadas no estudo.

Na legenda, esse espaço urbano para Ysani é tomado como um lugar de desconforto, pois, em um primeiro momento, ela declara: *Prazer sou Ysani, indígena Brasileira. Houve um tempo em que olhares de intolerância e preconceito me deixava constrangida com vontade de sumir para sempre. Sim, engolir seco ofensas e provocações dos meus colegas de Escola por ser de uma etnia indígena recém-chegada na Cidade. É, assim foi meu encontro com a civilização.*

Primeiramente, ela diz quem é (sou Ysani, indígena Brasileira), em um movimento de reafirmação e aceitação de si, já que no tempo-espaço do Instagram todos sabem quem ela é, mas para introduzir os momentos ruins da ida dela à cidade há necessidade de uma retomada do eu, até mesmo em resistência às discriminações que ela descreve no trecho logo depois: *Houve um tempo em que olhares de intolerância e preconceito me deixava constrangida com vontade de sumir para sempre*. Nesse fragmento, o tempo passado (*houve um tempo*) sugere que os fatos de intolerância e preconceito já aconteceram e que já não a deixam mais incomodada (*me deixava constrangida*); esse “desconforto identitário”, em seguida, é descrito como uma vontade de “não ser” no mundo, uma exclusão causada pela discriminação (*vontade de sumir*), que se intensifica com o adjunto adverbial de tempo (*para sempre*).

No próximo trecho, ela expõe de que forma acontecia essa intolerância e preconceito e como reagia a isso: *engolir seco ofensas e provocações dos meus colegas de Escola por ser de uma etnia indígena recém-chegada na Cidade*. Nesse ponto, percebe-se que tudo o que ela passava acontecia em seu contato com a escola e a cidade – vocábulos que são marcados, inclusive, com letra maiúscula na postagem –, o espaço urbano, e depois ela acrescenta “*assim foi meu encontro com a civilização*”. Nesse excerto é possível observar o uso da palavra “civilização”, com a qual Ysani assume, em seu lugar de fala, o discurso colonial, em que os indígenas são colocados como diferentes de forma excludente perante o colonizador e o seu espaço urbano (civilização).

Em seguida, Ysani muda o tom para dizer como se sente atualmente, em relação aos fatos sofridos: *hoje em dia vejo tudo isso como uma lição de vida que precisava passar. Se eu não tivesse passado por essa experiência durante minha adolescência não saberia o que é separar o joio do trigo. Então, valeu a pena!*. Trazendo para o momento presente (*hoje em dia*), ela ressignifica tudo o que passou, sua exclusão por ser indígena, como uma lição de vida (*uma lição de vida que precisava passar*), como um momento difícil de sua vida tratado com aceitação por ela para que aprendesse algo (*não saberia o que é separar o joio do trigo*). É relevante analisar como ela assume, inconscientemente, o discurso intolerante e colonizador colocando a si mesma no lugar de culpada pelas discriminações que sofreu, como se ela precisasse tirar uma lição disso. Na verdade, é possível observar que a forma que ela encontra para se aceitar seja de tirar algo bom disso, que no caso, se apresenta com um

discurso religioso cristão (*separar o joio do trigo*), uma interdiscursividade com a bíblia cristã católica, capítulo 13 de Mateus, versículos 24 ao 30, que conta a parábola do joio e do trigo, ou seja, o julgamento e separação dos bons e ruins. Dessa forma, entende-se que a partir da intolerância ela conseguiu aprender a separar o que é bom do que não é, trazendo implícito, um juízo de valor que se estabelece em oposições: o bem e o mal, próprio de formações religiosas mais conservadoras.

Por fim, ela termina marcando as hashtags, “#19deAbril” e “#DiaDoÍndio”, resgatando a memória discursiva dessa comemoração no Brasil, que teve início em 1943 com decreto-lei instituído pelo presidente Getúlio Vargas. Na época, o presidente foi pressionado pelo general Marechal Rondon, três anos depois de um movimento para proteção de indígenas, no México, chamado de Congresso Indigenista Interamericano, realizado entre os dias 14 e 24 de abril de 1940, e com participação de indígenas nas decisões justamente no dia 19 de abril. É importante contextualizar tal data, pois ela passa por ressignificações no momento atual brasileiro, com um movimento muito grande contra esses povos e também como forma de resistência deles, de diferentes formas, na internet, em organizações das comunidades e participação de lideranças indígenas em cargos políticos, além de uma crescente discussão problematizada sobre a real visibilidade e valorização dos direitos indígenas. Isso porque, em outros países da América Latina, há um questionamento histórico de sua relevância e um reconhecimento maior desses grupos na vida política, cultural e social. No Brasil, essas discussões vêm sendo mais visibilizadas, a partir de movimentos de esquerda em 2013, que agora se tornam paralelos a movimentos de direita desde 2016, fazendo-nos verificar que os movimentos indígenas no país acompanham a polarização política.

Retomando a legenda de Ysani, as últimas hashtags expostas por ela são: “#YsaniKalapalo” e “#Brasil”, o que recupera a reafirmação de quem ela é e o local geográfico (sou Ysani, indígena Brasileira), descrita no início do post.

Detendo-se à análise da foto, primeiramente, traçamos, como efeito de sentido, uma relação do espaço que está por trás do corpo de Ysani (em primeiro plano), mostrando uma natureza de forma mais ou menos “arranjada” – mais próximo de um jardim do que de uma mata –, enquanto Sônia, na foto do recorte anterior, está mais próxima a um espaço físico e cultural mais identitariamente constituído por elementos ditos “indígenas”, como a “cabana” de palmeiras e, principalmente, a

localização (*Aldeia Lagoa Quieta*) que o Instagram marca.

Na foto de Ysani, percebemos que ela é o centro da foto – ela não é o lugar que habita, pois o ambiente é coadjuvante na imagem – diferentemente de Sônia, em que parte da foto era a construção de sapé; portanto, há um destaque dela em relação ao espaço, numa postura voltada a si mesma, à beleza egocêntrica, típica das culturas mais individualistas, centradas no eu (da qual ela quer fazer parte). Ela também – assim como o faz Sônia – dispõe de artefatos indígenas como os grafismos, pintura e colar; entretanto, resgatando a legenda da postagem, ela viveu discriminação quando foi para a cidade. Dessa forma, parece ter havido, nesse êxodo, uma necessidade de se integrar ao urbano construído pelo homem branco, já que em seu dizer ela expressa um desconforto por ser vista como indígena – *Houve um tempo em que olhares de intolerância e preconceito me deixava constrangida (...) por ser de uma etnia indígena recém-chegada na Cidade*. Essa necessidade de “aparência”, que é própria de nossa cultura ocidental capitalista, agrega-se também na produção da foto, desde o cuidado com a luz até o fato de ela esconder sensualmente partes do corpo, características de fotos de revistas femininas (principalmente para mulheres “brancas” como Vogue etc), numa tentativa de reapropriação da cultura dos brancos, pois também quer se inserir nessa identidade.

Portanto, nessa situação, percebemos uma ressignificação da relação entre o território e a identidade indígena, em que geralmente as práticas culturais estão intrinsecamente relacionadas à terra, de forma que, quando o espaço é urbano, esses elementos se hibridizam ou se alteram em função desse sujeito habitar um outro espaço, como faz Ysani, conformando-se a outras identidades.

Assim, a forma como cada indígena lida com a questão do território é consideravelmente diferente. Para Ysani o lugar é um complemento da foto, já para Sônia é parte de si. Como observado, Ysani faz uma “adaptação” em relação ao espaço que ocupa, demonstrando identidades em trânsito, tornando a defesa de direitos indígenas em relação ao território mais diluída, enquanto que Sônia representa uma identidade mais voltada a valores tradicionais dos indígenas na relação com o espaço, contidos numa memória coletiva de grupo, a fim de lutar para ter seus direitos respeitados. Isso é sentido, também, fora das redes sociais, pois lideranças Kalapalo não consideram Ysani como defensora dos direitos do coletivo, por conta dessa forte “adaptação” à cultura urbana e de seu olhar em relação à ocupação das terras indígenas;

já Sônia alcançou o espaço de líder, essencialmente, pela defesa da demarcação.

A identidade, dessa forma, é variável, em um movimento definido por Hall (2006) como característico do sujeito pós-moderno em que não há uma “identidade fixa, essencial ou permanente” (p. 12). Além disso, destacam-se as mudanças das paisagens políticas, que no

[...] mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocadas-advindas, especialmente, da erosão da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (HALL, 2006, p. 21)

Essas mudanças nas paisagens políticas são bem aparentes no discurso de Sônia e Ysani, visto que, em função disso, as práticas sociais indígenas assim como as não-indígenas ocidentais são constantemente revisadas e reformuladas de acordo com o contato com as próprias culturas e com o outro. Sônia retoma o discurso tradicional do território como corpo e espírito remontando à ancestralidade e raízes por meio do discurso de luta por direito à terra e a tudo o que a ela é inerente, mas faz isso também com o uso das tecnologias contemporâneas, interagindo nas redes sociais; já Ysani demonstra o corpo-território de forma mais próxima aos atuais influenciadores digitais, não em forma de luta pela terra ou direito indígena, mas como um diário do processo de afirmação de sua diferença e aceitação de si, de sua identidade e de sua individualidade; o que com Sônia se dá mais como um movimento identitário voltado ao coletivo, pois em seu discurso há sempre a presença de outros indígenas ou da memória do discurso da coletividade indígena.

Atualmente, os povos indígenas brasileiros vêm sendo alvos de violentos ataques aos seus corpos, suas terras e seus direitos, em função, por um lado, do avanço de uma bancada governamental ruralista defensora do uso de terras indígenas para o crescimento econômico e, por outro, dos interesses de exploração, geralmente por não-indígenas, de minérios e pedras preciosas em reservas. Em resistência, indígenas de todo o país utilizam diversas formas de se afirmarem e se defenderem como povos, com o direito que lhes é garantido pela Constituição Federal, porém geralmente desrespeitado.

Portanto, ao nos depararmos com essas duas mulheres, vemos diferentes formas de defender seus direitos e/ou de se autoafirmarem: Sônia, com posição de líder, constrói seus dizeres com voz coletiva, e Ysani demonstrando seu coletivo com uma aceitação de si, de ser indígena, em uma voz mais individualizada; ambas, porém, fazendo uso de uma rede social, o Instagram, para marcarem suas identidades e, conseqüentemente, as formas diversas de agir social e politicamente.

EIXO TEMÁTICO: PROTAGONISMO DAS MULHERES

O último eixo temático analisado é denominado de “protagonismo das mulheres”, em função da grande presença de mulheres em cenários de decisões, configurando, por vezes, pautas comuns entre mulheres indígenas e não-indígenas.

O quarto recorte analisado é referente a uma postagem de Ysani Kalapalo, no Instagram, no dia 7 de outubro de 2019. Ele é composto pela legenda de Ysani, demonstrando uma conquista das mulheres no atual governo, em diálogo com a foto em que elas se encontram em gesto de luta com as mãos

RECORTE 4

Figura 5: Disponível em: https://www.instagram.com/p/B3UacAnn_4z/. Acesso em: 16 de dez. 2019



Fonte: Instagram

Da esquerda para a direita, a primeira mulher que aparece na foto é Sandra Terena, a primeira jornalista indígena a ocupar uma secretaria no governo federal. Ela se tornou secretária nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), em 2019. Ao seu lado está Silvia

Waiãpi, a primeira mulher indígena a fazer parte do exército brasileiro e participante no processo de transição do governo Bolsonaro. Em seguida, está Damares Alves, ministra de estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, escolhida por Bolsonaro para ocupar o cargo.

Primeiramente, na legenda da postagem, Ysani inicia dizendo “protagonismo das mulheres indígenas nesse governo é visível”, o que traz o sentido de que em outros governos não o era. Em seguida, o dizer “vamos que vamos guerreiras!”, uma expressão popularmente utilizada para demonstrar a disposição para lutar por algo, que, no caso, seria a disposição para atuar politicamente e em outras esferas discursivas nas posições em que se encontram; e “guerreiras”, vocativo usado para indicar mulheres que estão na luta por seus direitos e objetivos, partindo da caracterização da luta que elas travam como indígenas mulheres, um discurso muito utilizado atualmente para denominar mulheres fortes.

Na sequência, há três marcações em hashtag com os dizeres “#GovernoBolsonaro”, demonstrando que essas mulheres são apoiadoras de Bolsonaro; “#Pátria Amada Brasil”, um dos slogans do atual governo, retirado do hino nacional; e “#MulheresIndígenas”, colocando a presença e visibilidade delas no atual contexto político.

O gesto das mulheres, nesse recorte, em diálogo com a legenda, aponta para uma luta em direção à visibilidade e escuta de suas vozes e reivindicações como indígenas e como mulheres também, entretanto, com formações discursivas outras, em sintonia com pautas políticas da direita conservadora, que são a favor de Bolsonaro e de seu governo.

O quinto recorte é referente a um repost de Sônia a um post de Marielle Ramires¹¹, no dia 29 de setembro de 2019. Nele, é possível observar diversas mulheres vestidas com camisetas escrito “EleNão”, incluindo Sônia (de preto), e Marielle (de vermelho); todas com os braços em gesto de luta, em diálogo com a legenda.

11 “Jornalista e ativista nas lutas de Comunicação, Cultura e Direitos Humanos e Co-fundadora do Fora do Eixo e da Mídia NINJA, é hoje coordenadora da Ninja Ambiental”. MÍDIA NINJA. Disponível em: <https://midianinja.org/author/ramiresmarielle/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

RECORTE 5

Figura 6: Disponível em: https://www.instagram.com/p/B3A_rMyIPFU/. Acesso em: 12 de dez. 2019



Fonte: Instagram

Primeiramente, destacando a foto na postagem, notamos que Sônia se encontra ao centro, com um megafone e um dos braços para o alto em posição de fala, enquanto outras mulheres seguem nessa mesma posição ao redor dela. Verifica-se que somente Sônia veste elementos da cultura indígena, como a pulseira de miçangas, os brincos de penas e o colar de cor amarela.

Em diálogo, a legenda expõe do que se trata a foto. Sônia inicia com a expressão *“E vamos simhora!!”* e marcando a hashtag *“#repost @marielleramires”*, indicando ser um repost do perfil de Marielle. Em seguida, informa: *“Hoje participamos dos atos de comemoração de um ano do movimento #EleNão e também do #SosAmazônia”*, mostrando que a foto foi tirada nesses atos. Além disso, marca em hashtag o nome dos movimentos para simbolizar que eles não ocorrem apenas nas ruas, mas também no universo online. As “causas” principais dessas ações políticas – *“EleNão”* e *“SosAmazônia”* – são a oposição ao presidente Jair Bolsonaro e a defesa da Amazônia.

Em continuidade, é exposto: *Uma das melhores coisas dessa passagem por aqui foi encontrar uma rede articulada de luta e afeto de brasileiras que aqui vivem. Só assim, juntos e em rede, será possível construirmos saídas pra essa bagunça imensa em que nos encontramos.* Destaca-se, assim, os melhores aspectos da vivência do movimento, *“encontrar uma rede articulada de luta e afeto”*, demonstrando a

organização dos atos e caracterizando-os não apenas como luta, mas também como fonte de afeto, indicando o sentimento de amizade e união que essas mulheres experimentam ao fazer parte dessa rede, o que mais adiante é retomado (*juntos e em rede*) como uma possibilidade de melhora a partir de seu engajamento no cenário político e social atual. Outro ponto importante é o uso de “brasileirxs”, que acaba por mostrar uma voz em consonância com a tentativa de não exclusão de gênero em sua fala.

Por fim, termina despedindo-se carinhosamente das mulheres: *Um abraço em especial pra todas as manas que aqui vivem e lutam* e marcando as *hashtags* “#MulheresdaResistência”, “#Mulheres” e “#forabolsonaro”, retomando o discurso de resistência das mulheres e de oposição a Bolsonaro.

Portanto, percebemos, nos dois últimos recortes, lutas que partem de mulheres indígenas e não indígenas, unidas por formações ideológicas distintas, lutas travadas entre a perspectiva do que é reivindicado como indígena e mulher: no primeiro recorte de Ysani, emergem formações discursivas a favor de Bolsonaro, marcadas pelos movimentos em rede online “GovernoBolsonaro”; já no recorte de Sônia, há a identificação com o movimento “EleNão”.

CONCLUSÃO

Por meio das análises dos recortes feitos nos perfis de Ysani Kalapalo e Sônia Guajajara, trouxemos à luz três eixos temáticos de análise: polarização política, corpo-território e protagonismo das mulheres. Dessa forma, destacam-se efeitos de sentido em que as formações discursivas dessas duas mulheres se opõem ao revelar os polos políticos aos quais tendem a pertencer e se aproximam, fazendo emergir discursos de valorização das mulheres e da defesa dos direitos de seus povos de modos diferentes.

Percebemos que os discursos ganham sentidos diversos no interior da rede social Instagram, pois essa dispõe de recursos como o remix que possibilitam efeitos que não seriam construídos fora desse espaço, além de possuir a ferramenta para a postagem de fotos, complementando, assim, a materialidade linguística e fazendo emergir representações atribuídas às diferentes formações ideológicas e identitárias.

Além disso, pudemos compreender as diferentes maneiras que o corpo-território é entendido por Sônia e Ysani: a primeira por meio de uma voz mais coletiva e próxima dos aspectos tradicionais indígenas e a

segunda mais voltada para si, próxima a uma perspectiva mais ocidental e capitalista, ressaltando valores individuais.

Por fim, observamos que ambas marcam em seus dizeres o desejo da visibilização das mulheres indígenas e/ou não indígenas, ainda que em polos políticos diversos, numa tentativa de se fazer ouvir suas vozes e tornar legítimas suas reivindicações identitárias de minoria. Nesse aspecto, a disseminação de suas posições políticas pela rede social é uma forte aliada à conquista desse espaço de fala, amplificada pela rapidez de seu alcance e pelos recursos tecnológicos que o digital tem a seu dispor, o que de fato pode também tornar-se uma ferramenta relevante para legitimar discursos como regimes de verdade.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2 ed. rev. Editora da Unicamp: Campinas, 2004.

BRASIL 247. Equipe de Democracia em Vertigem faz protestos no Oscar. 23 fev. 2020. 1 fotografia. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/cultura/equipe-de-democracia-em-vertigem-faz-protestos-no-oscar>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CHAIA, V.; BRUGNAGO, F. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.7, n.21, p. 99-129, out. 2014- jan. 2015. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/viewFile/22032/16586>>. Acesso em: 28 abril 2020.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 247 p.

COSTA, G. C.; SOUZA, R. C. A. Caciques mulheres e construção de territorialidades no Vale Sanfranciscano-Bahia. **Revista de Desenvolvimento Econômico - RDE**, Salvador, BA, p. 377-407, Dez. 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.21452/rde.v17nesp.4013>. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/4013>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FIORIN, J. L. Identidade e diferenças na construção dos espaços e atores do novo mundo. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.) **Os discursos do descobrimento**: 500 e mais anos de discursos. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2000, p. 27-49.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ªed. 2004.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV – Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 253-266.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

INCRA. Reforma agrária. Disponível em < <http://www.incra.gov.br/pt/reforma-agraria.html> >. Acesso em 24 mai. 2020.

KOMESU, F.; GAMBARATO, R.; TENANI, L. I will not become an Internet meme: visual-verbal textualization process in the study of the power and resistance in Brazil *Acta Scientiarum*. **Language and Culture**, vol. 40, no. 2, 2018.

MANOVICH, L. Quem é o autor?: Sampleamento/Remixagem/ Código aberto. In: BRASIL, André et al, (org.). **Cultura em fluxo: Novas mediações em rede**. Belo Horizonte: Puc Minas, 2004. p. 248-263.

MST. Nossa história. Disponível em: <<https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>>. Acesso em: 18 de mar. 2020.

OLIVEIRA FILHO, J. P. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Revista Mana**, 4(1): 47-78, 1998.

PAIVA, E. B. A Construção da Identidade Indígena em Fontes de Informação. **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2015. Disponível em:< <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3082/1236>>. Acesso em: 24 out. 2019.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução P. Orlandi. 4ªedição. Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PORTELA, C. A. Por uma história mais antropológica:: indígenas na contemporaneidade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, ed. 1, p. 151-160, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/3170>>. Acesso em: 3 out. 2019.

SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2003, Porto Alegre. **Anais do SEAD**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Remontando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em contraponto [...]. [S. l.: s. n.], 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/FredaIndursky.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020.

VIEIRA Jr, E. Estéticas da co-autoria: Mash-up, sampleamento e remixagem no vídeo brasileiro contemporâneo. In: CIRILLO, José; GIL, Fernanda G.; GRANDO, Ângela. (Org.). **Artistas, autoria e as práticas colaborativas**. 1ed. São Paulo: Intermeios, 2013, v.1, p. 199-203.

Recebido em: 16/07/2020

Aceite: 21/10/2020